**Livro: A economia da Cultura Autor: Françoise Benhamou Titulo do capitulo: Os Mercados de Arte e Patrimônio**

 **Júlia Barth Pinto**

Nas 25 paginas do capitulo sobre arte e patrimônio, o grande objetivo do autor nesse capitulo é enfatizar o crescimento dos mercados de arte e patrimônio e em como esse crescimento acrescentou na economia. A forma como funciona o mercado de arte gerou vários estudos feitos por economistas, que ao perceberem que nessa área existiam grandes movimentos especulativos, iguais aqueles observados nos mercados financeiros, eles tiveram maiores interesses e curiosidades. Banqueiros que acreditavam no retorno financeiro criaram , na década de 1980, vários fundos de investimentos em obras de arte. Longe do mercado, os museus e patrimônios parecem condenados as suas funções, mas com o desenvolvimento da analise econômica dos setores sem fins lucrativos, de um lado, e a vontade de interrogar-se sobre os efeitos induzidos do patrimônio cultural, de outro, gera novas expectativas e pesquisas induzidas por uma onda de projetos de renovação do patrimônio. Mesmo que os custos de obras de arte danificadas, raramente sejam cobertas pelas receitas, o significado e a importância das obras de artes são enormes o que as torna algo precioso para a sociedade.

**1. Os mercados de arte**

**O custo exuberante em determinadas obras, levam- nos a pensar quais são os fatores que predominam os valores das obras de arte. Alguns estudos nos mostram, que tanto pelo caráter único e pela qualidade das obras, quanto pela paixão dos colecionadores. O que nos leva a seguinte pergunta: Será que o mercado de arte se resume a oferta e procura ou resulta também de fatores identificáveis? Raymonde Moulin (1992) distingue três mercados. Os mercados dos cromos, pinturas destinadas à decoração, possui um publico amplo e ofertas grandes. No mercado de obras tombadas, tem em consideração o valor histórico, a oferta é mais rígida, porem tem mais espaço no mercado de obras contemporâneas. Especialistas e apreciadores de artes causam grandes mudanças no mercado de arte, tanto quando fazem e desfazem as modas e as classificações, como quando esses atores diminuem, causando grandes efeitos nos mercados de arte. Galerias e casas de leilão dividem o mercado entre si. Paul Durand- Ruel estabeleceu as bases do sistema atual das galerias: certa galeria faz a exposição de um pintor, tentando monopolizar sua produção, sai em busca de capital e abre novas afiliações no exterior. Esse modo de comercialização desenvolveu-se há alguns anos, mas são poucas as galerias que assumem o papel de descobridora de talentos. As casas de leilão contribuíram para o processo de globalização, teve vários declínios durante anos, mas atualmente vem ganhando grande espaço no mercado.A formação do valor de uma obra é algo muito indelicado, cheio de incertezas que podem nunca se torna certezas. Os peritos levam em conta: a moda, a evolução da historia da arte, as novas atribuições de obras, a aceitação dos novos movimentos artísticos pelas grandes instituições. Conservadores que compram para museus não podem fazer pericia e na França o leiloeiro é responsável perante a lei, durante 10 anos, pela autenticidade das indicações no catalogo de vendas. O preço de uma obra de arte pode ser um fator objetivo. O preço varia conforme o capital artístico do criador, isto é, sua fama, da qualidade do quadro no conjunto de sua obra, do tempo decorrido dês a primeira exposição do artista, dos prêmios recebidos, das exposições em galerias e museus, dos preções de vendas anteriores e das formas de expressão. Partindo da hipótese de que o mercado de arte é competitivo, leva-se em conta também, o nível de renda dos compradores, a taxa de rendimento das ações e das obrigações. É rentável a compra de obras de artes? Com certeza sim, se a obra tem algum valor estético reconhecível, o preço dela certamente aumentara com o passar do tempo. Mas existem limites, para uma obra ter um valor considerável, ela precisa ser investida, isso leva um considerável tempo, pois uma obra não vira uma obra de arte da noite pro dia, é preciso que as pessoas gastem dinheiro nelas.**

**2. Os museus**

**Essas instituições que deveriam servir ao publico, também sofreram grandes mudanças ao longo dos seus anos. Dês da busca de novas fontes de financiamento a cobrar ingressos do publico. Entendemos por “museu” a transmissão de um legado, de geração em geração, por meio de conservação das obras. Algo criado para o publico, que na teoria econômica é financiado pelo Estado. Uma década para os museus do mundo, não parece muita coisa, já que o mundo esta em constante mudança. Mas 1980 foi, fundamental para os museus, na França, em 2000, o museu nacional recebeu 14 milhões de visitantes, 10 dos quais pagaram ingresso, essa explosão de consumo explica em parte, pelo aumento da oferta. Multiplicam-se os projetos de renovação, ampliação, construção a partir de 1980. Novos museus em varias partes do mundo surgem, outros são restaurados, acrescentados e ampliados, o que trás uma nova utilidade a arquitetura e um novo visual para as cidades. Nos Estados Unidos a metade dos museus são particulares; os outros podem ser públicos ou mistos, na França é ao contrario, mas de 60% dos museus são do Estado ou das comunidades locais. Mas independente da sua situação jurídica, o museu é uma intuição não-comercial sem fim lucrativo, que prioriza o publico grande e não os doadores ou o publico exigente. Existem três formas de financiamento: ajuda publica por parte do poder central ou local, ingressos pagas, despesas feitas pelos visitantes no local e receitas próprias. Quando se fala em administração de um museu, é importante saber que a missão do museu é emprestar gratuitamente, porem alguns museus romperam com essa política e passaram a alugar coleções por um terminado valor, o que contradiz com o real significado do museu. Sendo umas das instituições culturais mais ricas, em razão do valor das obras que possui, e das mais pobres, em virtude da diferença entre esse valor e o orçamento com que trabalha. O museu precisa de uma função de produção, é uma combinação de trabalho especializado, de trabalho não-qualificado e de capital. Os custos são calculados através do numero de visitantes e do salário dos funcionários. O capital vem muitas vezes dos acervos de obras vendidas. Ainda se mantém o conceito de que o museu deve ser gratuito e aberto a todo tipo de publico, mas em alguns museus são cobrados ingressos ou uma pequena colaboração. Porem foi observado que a freqüência a museus pagos tem fraca correlação com o preço. Quando um museu não consegue fazer um preço justo, é reduzido o horário de abertura ao publico por exemplo. Trata-se de um comportamento típico de instituições não comerciais. Quando se tem exposições, as parcelas de gastos destinadas as aquisições não esta atribuída ao espaço disponível. A economia dos museus parece representativa da economia de todos os setores da arte; o museu tenta de todas as maneiras inovarem, mas ao mesmo tempo tentam preservar sua imagem.**

**3. Os monumentos históricos**

**Existe um grande interesse tanto do publico quanto do Estado, em manter e proteger monumentos históricos, o interesse artístico ou histórico é suficiente para torna desejável a preservação. Atualmente existem instituições especializadas em manter e cuidar desses monumentos, tanto que em algumas ocasiones, o Estado deixou de contribuir com restaurações, que ficaram a cargo das autoridades locais, das instituições ou dos cidadãos. Os custos para manter um patrimônio são altos, a mão de obra é escassa e muitas vezes quase não existe, mesmo assim a lista de monumentos tombados ou protegidos aumenta permanentemente, em virtude de inclusões históricas. Do ponto de vista da teoria econômica, os monumentos históricos, bens únicos e não-reproduzíveis, são bens semipúblicos, geram efeitos externos prestigio nacional, efeitos turísticos, veiculam valores coletivos, contribuem para forjar a identidade nacional. São os principais objetivos dos visitantes o que os influenciam a gastar. Não existe nenhuma regulamentação para os monumentos, se ele esta na lista e protegidos não resulta de nenhum processo de regulamentação. A proteção caminha junto com o desembolso de verbas de ajuda, se o monumento oferecer algum risco ao visitante, o Estado resolve tombar o monumento ou restaurar. Mas se tratando de um estado capitalista, o desejo é mais de construir do que de restaurar. Uma forma de gerar renda e utilidade os monumentos são a revitalização ou reutilização. Exemplos: bilheterias e balcões de vendas de produtos, despesas de hotéis, de restaurantes, etc. Ou ate mesmo a reutilização dos monumentos históricos para fins hoteleiros é uma forma de reservar a existência do local. O que trás grandes benefícios econômicos. Patrimônio e economia nem sempre andam uma do lado da outra, o que é bom de certo modo. Sobre um ponto de vista, o campo do patrimônio esta muito afastada das indústrias culturais, mas sempre são procurados por estes em busca de locação para um filme ou exposição de produtos derivados das obras de arte.**